

Cortêsias acacianas: ironia e boas-maneiras

Acácio's courtesy: irony and good manners

ANA LUÍSA VILELA

Universidade de Évora – Évora – Portugal



Resumo: O respeitabilíssimo conselheiro Acácio, talvez a personagem de maior sucesso e longevidade da galeria queirosiana, destaca-se, antes do mais, pela impecável cortesia verbal e gestual. Neste artigo, tentaremos entender e descrever a peculiar utilização dos códigos da cortesia e da urbanidade no desenho desta imortal personagem d’*O Primo Basílio*. Atualizando uma espécie de ‘dicionário dos lugares-comuns’, a personagem pode mesmo, em nosso entender, considerar-se quase inteiramente construída pelo discurso da cortesia. Procuraremos, pois, aqui elucidar o modo como, neste romance de Eça, a convergência e o contraste entre tais códigos – nos domínios físico, discursivo, axiológico – são maioritariamente responsáveis pela criação do efeito irónico e pelo essencial do desenho da personagem.

Palavras-chave: Eça de Queirós; *Conselheiro Acácio*; Cortesia; Ironia

Abstract: The respectable *Conselheiro Acácio*, perhaps the most successful and lasting character of the Eça de Queirós’ fictional gallery, stands out first and foremost, by impeccable verbal and gestural courtesy. In this paper, we will try to understand and describe the peculiar use of courtesy and civility codes in the design of this immortal character in *O Primo Basílio*. Activating a sort of ‘dictionary of clichés’, the same character can, from our point of view, be considered almost entirely constructed by the civil codes of courtesy. Therefore, we look for elucidating how, in this novel by Eça, convergence and contrast among such codes – physical, discursive, axiological – are largely responsible for creating the ironic effect and for the essential designing of the character.

Keywords: Eça de Queirós; *Conselheiro Acácio*; Courtesy; Irony

1. O respeitabilíssimo *Conselheiro Acácio* é talvez a personagem de maior sucesso e longevidade da galeria queirosiana. N’*O Primo Basílio* (1878), a obra que mais popularidade granjeou a Eça de Queirós, a representação do *Conselheiro* dota-o de inegável competência comunicativa; ele destaca-se, antes do mais, pela sua impecável cortesia verbal e gestual.

Definido sobretudo pelas suas prestações discursivas, mas igualmente pelos gestos, a aparência e as atitudes físicas, o habitat e até a voz – *Acácio* constitui uma unidade coesa, harmoniosa e rotunda. *Acácio* é certamente a personagem mais feliz do romance. Está em perfeita, inabalável paz consigo mesmo e com o seu mundo: o da realidade oficial, o da correção e da doxa. Como diz Ernesto Guerra Da Cal, “[Em *Acácio*] Eça não revelou uma alma individual, mas fez a genial descoberta artística dum tipo, duma espécie psicológico-social: a da imbecilidade solene, meticulosa e respeitável. Espécie essa cujas feições externas ele referiu à sociedade

portuguesa do seu tempo, mas cuja idiossincrasia tem um alcance geral.” (DA CAL, 1983, p. 18).

Atualizando uma espécie de ‘dicionário dos lugares-comuns’ – da época, e talvez de todas as épocas – *Acácio* pode mesmo, em nosso entender, considerar-se quase inteiramente construído pelo discurso hiperbolizado da correção, das boas-maneiras e da amenidade. De uma excessiva, paradoxal, exasperante, hilariante cortesia.

Adotando um perspectiva interdisciplinar, tentaremos neste texto analisar a peculiaríssima utilização dos preceitos da cortesia e da urbanidade no desenho desta imortal personagem d’*O Primo Basílio*. Afinal, não tem o *Conselheiro Acácio*, nas estantes da sua livraria, o seu estimado exemplar do *Dicionário da Conversação* (QUEIRÓS, p. 328)?

2. Na verdade, como definir *Acácio*? *Acácio* é... acaciano! O nome e o título do *Conselheiro* tornaram-se adjetivos. O *Dicionário Houaiss* regista-os: os termos

‘acaciano’ e ‘conselheiral’ são ambos aplicáveis a “quem se mostra afetado, ridículo pelo uso de fórmulas convencionais ao falar ou pela maneira pomposa de ser” ou a um discurso “exagerado e ridiculamente pomposo, formal” (HOUISS, 2002, p. 46, 1046)¹.

Lucette Petit, citando José-Augusto França, propõe que a figura do Conselheiro seja, sobretudo no aspecto ideológico, um avatar de uma figura real, Martens Ferrão, deputado regenerador e Procurador-Geral da Coroa, reproduzindo, portanto, o esquema conservador da elite governamental portuguesa (PETIT, 1987, p. 111, nota 79). Acácio tinha sido diretor-geral do Ministério do Reino. Jorge Borges de Macedo (1993) estudou de forma aprofundada a figura ‘conselheiral’, recorrente na ficção e no discurso não ficcional de Eça de Queirós. Figura institucional, mas nunca de origem aristocrática, o seu título era geralmente honorífico – caso explícito de Acácio, que a certa altura é igualmente agraciado com a comenda de Santiago. Alfredo Campos Matos define-o como “Personagem paradigmática do constitucionalismo, absurdamente convencional e banal, respeitador servil das instituições” (MATOS, 1993, p. 228).

Parente próximo de outros conselheiros e políticos queirosianos – como o conselheiro Gama Torres (d’*O conde d’Abranhos*), o conselheiro Sousa Neto (d’*Os Maias*), o conselheiro Matos Miranda (de *José Matias*), o conselheiro Sanches Lucena (d’*A Ilustre Casa de Ramires*) e o mais enigmático de todos, o conselheiro Pacheco (da carta VII d’*A Correspondência de Fradique Mendes*) – Acácio é o único com efetiva e importante presença diegética, o mais letrado e com melhor memória, de que faz aliás uso abundante. Outro pormenor curioso: apesar de não dispensar o “anel de armas”, não se lhe conhece apelido. De resto, partilha com os seus congéneres, e com outras figuras ligadas ao poder instituído, a grandiloquência, a vacuidade, as atitudes solenes, as condecorações, e a enorme testa – prolongando-se esta, em Acácio, na sua calva, objeto dos furores lascivos de D. Felicidade. Nos conselheiros, a notação da testa não é inocente, porque muitos são enganados pelas esposas ou pelas amantes. Os conselheiros queirosianos são, quase todos, profundamente felizes e muitíssimo bem-educados.

3. Será, justamente, o regime especificamente acaciano da cortesia que agora tentaremos abordar. Ou seja, procuraremos identificar, na representação do

Conselheiro, um reportório de condutas linguísticas e paralinguísticas, caracterizadas pela sua impecável correção, consistindo em gestos, entoações, atitudes e palavras (faladas e escritas), incluindo as regras implícitas (ligadas a estruturas sociais e político-ideológicas). Convergentes ou contrastantes, tais práticas podem ser maioritariamente responsáveis pelo desenho da personagem e, concomitantemente, pela criação do efeito irónico. Na verdade, essas práticas definem-se, no essencial, como um aparato exemplar de boas-maneiras – tocadas por um sopro irresistível de desconstrução.

Em primeiro lugar, notemos que, se aceitarmos que a cortesia pode ser descrita como um meio de minimizar ameaças, atualizando-se pela adoção de estratégias de interação que visam minimizar as possibilidades de perder ou fazer perder a face (cf. BROWN e LEVINSON, apud BURKE, 1999, p. 3), recordemos que Acácio raramente a perde – e nunca conscientemente a faz perder. Esse é, mesmo, o traço estruturante da figura: a absurda correção da sua linha. Em todo o romance, Acácio mantém notável placidez; ruboriza-se apenas por duas ou três vezes, sempre que estão em causa insinuações maldosas sobre a sua vida amorosa; e nunca deixa de cortesmente lhes replicar.

Num estudo muito interessante, o historiador inglês Peter Burke resume o “novo ideal europeu” da civilidade, vigente a partir do século XVI, citando um autor inglês do século seguinte, O. Walker. Tal autor enuncia as três regras fundamentais da cortesia: nunca exprimir, quer por atos quer por palavras, nenhuma ofensa ou falta de respeito a quem quer que seja; nunca assumir quaisquer ofensas ou faltas de respeito de outras pessoas, isto é, suportar todas as palavras ou atos que poderiam racionalmente ser interpretados como ofensa ou falta de respeito; estar pronto a efetuar todos os bons ofícios e atos de bondade em relação aos outros (BURKE, 1999, p. 9). Ora, no seu conjunto, tais regras podem exemplarmente resumir o putativo ideal da conduta cortês de Acácio – filtrado, evidentemente, pelas limitações da sua sensibilidade, inteligência e cultura.

Se aceitarmos, igualmente (id., p. 11) que a cortesia pode ser ‘altruísta’ (revelando consideração pelos outros) ou ‘egoísta’ (usada para se distinguir dos outros), notaremos que, em Acácio, as condutas cortesias parecem efetivamente consistir em marcas ostensivas da sua pertença (ou do seu acesso) a uma classe superior. Ouçamo-lo a propósito do ‘freio’ em que consiste a religião: “Não o precisamos nós decerto, que somos as classes ilustradas. Mas precisa-o a massa do povo, Sr. Zuzarte. Senão veríamos aumentar a estatística dos crimes.” (QUEIRÓS, p. 331).

Na realidade, a ‘civilidade’ de Acácio pode comungar da sua autoconsciência como ‘civilizado’, ilustrando

¹ Observa Guerra Da Cal: “Se é bem verdade que ‘acaciano’ não pode pôr-se a par de ‘quixotesco’, ‘fáustico’ ou ‘donjuanesco’ – termos de vigência universal que aludem a grandes mitos humanos, filosóficos ou religiosos – é certo que se pode comparar com ‘celestinesco’ (Fernando de Rojas), ‘Pickwickian’ (Ch. Dickens) ou ‘tartarinesque’ (Daudet) que evocam formas de conduta humana de índole mais social e portanto ligadas a tempos e espaços mais concretos.” (DA CAL, 1983, p. 18-19!).

flagrantemente a ideia de Norbert Elias (1989, p. 59) de que o conceito de ‘civilização’ exprime, afinal, a imagem benevolente que a sociedade ocidental tem de si própria, caracterizando aquilo que considera constituir a sua especificidade e de que se orgulha. Comentando uma modinha brasileira cantada por Basílio ao piano,

O Conselheiro achou “delicioso”; e, de pé na sala, lamentou a propósito da cantiga a condição dos escravos. Que lhe afirmavam amigos do Brasil que os negros eram muito bem tratados. Mas enfim a civilização era a civilização! E a escravatura era um estigma! (QUEIRÓS, p. 110)

Se é evidente o cariz ‘egoísta’ destes comentários acacianos, do ponto de vista quantitativo predominam contudo, no discurso do Conselheiro, as expressões de teor ‘altruísta’, ou seja, em que é óbvia a consideração pelos outros. Acácio mantém com os seus alocutários uma atitude impecavelmente respeitosa.

Peter Burke enuncia seis formas de cortesia, que estuda em três culturas europeias (a inglesa, a italiana e a francesa), entre o final da idade moderna e o início da idade contemporânea: o evitamento da contradição; a pronúncia; os eufemismos; os cumprimentos; as formas de tratamento; e o convencional ‘modo de humilhação’, provavelmente uma característica universal dos códigos da cortesia (BURKE, 1999, p. 12). Procuraremos rastrear essas e outras formas nas conversações de Acácio. Por razões de sistematização metodológica, a nossa análise não se limitará contudo aos aspetos verbais, mas considerará também outros elementos que, de cariz físico e prosódico, em muito contribuem para o adensamento global da representação da personagem no romance.

A contradição e a recusa podem ser consideradas uma ofensa à desejável ‘complacência’ (ibid.) de quem é verdadeiramente bem-educado. Certamente por isso, a relação de Acácio com os seus alocutários é permanentemente consensual, nunca ou muito rara e atenuadamente conflituosa. Sendo sobretudo um político, no seu discurso ocorrem sistematicamente ‘antiameaças’. De facto, o Conselheiro procura, a todo o momento e em todas as circunstâncias, a consonância, a aproximação, a similaridade². Por exemplo, e por um lado, durante o seu passeio com Luísa, Acácio sollicitamente lhe oferece ou pretende oferecer os mais diversificados *bens*: cumprimentos sobre o seu bom aspeto; a sua companhia, um convite para um passeio, a sua disposição de esperar

por ela; amenos comentários e informações sobre o seu novo livro, o tempo (atmosférico e cronológico), Portugal, o poder da Imprensa, as suas preferências quanto à arte dramática, a cidade de Lisboa, a genealogia dos caixeiros, o “vastíssimo talento” do presidente do conselho, a importância da obediência aos regulamentos municipais e das práticas de devoção entre a nobreza; água de flor de laranja e bolos (QUEIRÓS, p. 233-239). Por outro lado, na única vez em que, durante o delicioso passeio, contradiz a formosa senhora, trata-a como membro da ‘classe superior’ – e contradi-la em nome de uma norma maior:

O Conselheiro curvou-se, mas vendo-a a ir colher uma flor, reteve-lhe vivamente o braço:

– Ah, minha rica senhora, por quem é! Os regulamentos são muito explícitos! Não os infrinjamos, não os infrinjamos! – E acrescentou: – O exemplo deve vir de cima. (QUEIRÓS, p. 236)

De facto, Acácio é profunda, absolutamente respeitador e complacente com tudo e com toda a gente. Alguns lapsos cômicos provocam-lhe um embaraço e uma contrição transitórios, seguidos imediatamente de uma atenuação estratégica. É o caso daquela lamentável, embora aparente, falta de patriotismo, a que o conduz a sua verve, e que dá imediatamente lugar a uma retractação veemente:

– Grande panorama! – disse o Conselheiro com ênfase. – E encetou logo o elogio da cidade. Era uma das mais belas da Europa, decerto, e como entrada, só Constantinopla! Os estrangeiros invejavam-na imenso. Fora outrora um grande empório, e era uma pena que a canalização fosse tão má, e a edilidade tão negligente! – Isto devia estar na mão dos ingleses, minha rica senhora! – exclamou.

Mas arrependeu-se logo daquela frase impatriótica. Jurou que era uma maneira de dizer. Queria a independência do seu país; morreria por ela, se fosse necessário; nem ingleses nem castelhanos!... Só nós, minha senhora! – E acrescentou com uma voz respeitosa: – E Deus! (QUEIRÓS, p. 235)

Outros lapsos do Conselheiro são involuntários e talvez inconscientes, integrando um teatral e queirosiano pendor para o cômico de linguagem, de efeito um tanto fácil. É o caso da sua conversa com um notável dramaturgo:

No entanto o Conselheiro aconselhava a Ernestinho a clemência; tinha-lhe posto a mão no ombro paternalmente, e com uma voz persuasiva:

– Dá mais alegria à peça, Sr. Ledesma. O espectador sai mais aliviado! Deixe sair o espectador aliviado! (QUEIRÓS, p. 46)

² Podemos dizer que o discurso e atitudes do Conselheiro se traduzem em permanentes e multiformes FFAs (*Face Flattering Acts*) (cf. MARQUES, 2007, p. 278-279 e 282-291) e na omissão quase total de FTAs (*Face Threatening Acts*).

Trata-se, afinal, de um jogo de linguagem um pouco pesado, do mesmo tipo do da cena em que, acusado de beatice pelo indiscreto Julião, Acácio confessa aos seus convivas entender que algumas litografias ou gravuras, alusivas ao mistério da Paixão, têm o seu lugar num quarto de cama (QUEIRÓS, p. 332). Ou o mais conhecido de todos, o da tirada acaciana em elogio da voz de Basílio, feito ao próprio na presença de Luísa:

O Conselheiro bateu as palmas.
 – Uma voz admirável! – exclamava. – Uma voz admirável!
 Basílio dizia-se envergonhado.
 – Não, senhor, não, senhor! – protestou Acácio, levantando-se. – Um excelente órgão! Direi, o melhor órgão da nossa sociedade! (QUEIRÓS, p. 109)

Permanentemente obsequioso, o Conselheiro está, sem dúvida, sempre pronto a concordar, elogiar, apresentar, informar, agradar aos outros (com a devida e honrosa exceção de D. Felicidade, cujos avanços eróticos secamente repudia). Inversamente, Acácio nunca permite opções reais de recusa aos seus alocutários: manipula-os de modo a não o contradizerem – a ele, que nunca os contradiz. Veja-se afinal a pobre Luísa, desesperada por se ver livre da sua companhia, e sem ser capaz de a rejeitar:

– Ah! Pensei que ia para casa, Conselheiro!
 – Já agora quero acompanhá-la, se Vossa Excelência me permite. Decerto não sou indiscreto?
 – Ora essa! De modo nenhum. (QUEIRÓS, p. 236)

Além de dádivas materiais, como a da sua própria companhia, a da proverbial lampreia de ovos e carta de felicitações (com que pontualmente obsequieia Jorge no dia do seu aniversário natalício – id., p. 41), ou a do digno e sentido necrológio de Luísa, Acácio prodigaliza sobretudo elogios. A atividade encomiadora do Conselheiro é abundante. Sucodem-se-lhe os adjetivos bem escolhidos e lisonjeiros, muitas vezes superlativos e quase sempre solenemente antepostos ao precioso nome a que se referem. Vejam-se estes dois breves excertos como expressivos exemplos:

– E os seus valiosos trabalhos progridem? Ainda bem! Se vir o ministro, os meus respeitos a Sua Excelência. Os meus respeitos a esse formoso talento! (id., p. 37)
 – Há dias me dizia o senhor ministro da Justiça (esse robustíssimo talento), há dias me dizia, me fazia a honra de me dizer: [...]. (id., p. 294)

Deste modo, o evitamento da contradição – uma forma ‘negativa’, por omissão ou atenuação, da cortesia – não esgota a prestação comunicativa de Acácio. Pelo

contrário, é nele especialmente copiosa a cortesia positiva, produtiva, que consistirá em ativamente valorizar o outro, dirigindo-lhe FFAs reforçados ou hiperbolizados (cf. ENACHE e COPA341). Globalmente, os comportamentos verbais e paraverbais de Acácio parecem exemplarmente rigidizados pelo ‘princípio da cooperação’ (cf. id., p. 337).

Lembrando Brown e Levinson – “negative politeness is the heart of respect behaviour, just as positive politeness is the kernel of ‘familiar’ and ‘joking’ behavior” (apud id., p. 340) – verificamos que Acácio nunca brinca ou ironiza. É sempre paternal, grave, informativo, conselheiro. Sempre pronto a concordar, acrescentar, aprofundar, fala, por isso, sempre a propósito. Fala com clareza, de modo expressivo e didático, simultaneamente decoroso e enfático.

Na realidade, os atos de linguagem de Acácio constituem, na sua esmagadora maioria, comentários ao discurso dos outros. Raramente propõe temas ou toma a iniciativa de dirigir a conversa. Quando o faz, segue sugestões do decurso do diálogo ou da sua situação contextual. Nesses casos, o facto é sublinhado pelo narrador. É assim com Luísa (discorre, por exemplo, sobre o teatro quando avistam o D. Maria – QUEIRÓS, p. 239) ou no jantar em sua casa, quando alude à Itália e à sua Constituição, a propósito da sopa de macarrão:

E o Conselheiro, que julgava do seu dever dar à conversação nobreza e interesse, disse, limpando devagar o bigode da gordura da sopa:
 – Dizem-me que é muito liberal a Constituição da Itália! (id., p. 30)

Do mesmo modo, na maioria das vezes, a formulação dos atos discursivos de Acácio raramente inclui pedidos, nem mesmo de informações (exceto os ritualizados). Pelo contrário, apressa-se a dá-las a toda a gente. Aliás, o seu campo é o da Estatística (id., p. 41) e dos compêndios (id., p. 233): “Havia apenas meses publicara a Relação de todos os ministros de Estado desde o grande Marquês de Pombal até nossos dias, com datas cuidadosamente averiguadas de seus nascimentos e óbitos.” (id., p. 40). Como ele sentidamente afirma a Basílio,

Ele era uma pessoa inútil, a senhora D. Luísa bem o sabia – Mas se necessitar alguma coisa, uma informação, uma apresentação nas regiões oficiais, licenças para visitar algum estabelecimento público, creia que me tem às suas ordens! (id., p. 110)

Uma coisa é certa: Acácio nunca desagrade a ninguém. Desde logo, porque, na expressão das suas muitas opiniões, opta pelos lugares-comuns e pelo *nim* convencional.

Acácio é um repositório das ‘ideias feitas’ da doxa político-cultural do seu tempo; a escravatura e a liberdade são algumas dessas ideias, a que regressará longamente (id., p. 300), assim como, a imprensa (id., p. 236), as classes subalternas (id., p. 106), o crime (id., p. 331), o suicídio (id., p. 235), a imoralidade, a religião (id., p. 331, 333). Aliás, sobre a religião tem uma tirada significativa, dizendo a Luísa: “A falta de religião era a causa de toda a imoralidade que grassava... – E além disso é de boa educação. Vossa Excelência há-de reparar que toda a nobreza cumpre...” (id., p. 238). Isto reenvia-nos a uma ética das aparências, que Acácio esforçadamente cultiva, com a sua modéstia retórica e a sua efetiva vaidade masculina: vaidade política (num movimento ansioso, saúda profundamente o presidente do conselho, convencendo-se de que este lhe fez um sinal de dentro de uma carruagem que passa – id., p. 236); vaidade erótica (ao lado de Luísa, apruma a estatura, “todo satisfeito de descer o Chiado com aquela linda senhora, tão olhada” e a quem finge murmurar intimidades ao ouvido – id., p. 238).

Na realidade, esta atitude de sedutor é puramente fictícia: Acácio sussurra à pobre senhora qualquer banalidade sobre o tempo. Nem outra coisa se esperaria de alguém tão deferente, que sempre se dirige ou se refere a Luísa assim: “– Minha boa senhora D. Luísa” (id., p. 39); “verdadeira mãe de família” (id., p. 48); “a interessante D. Luísa” (id., p. 335); “flor” das “esposas modelos” (p. 297); “a débil D. Luísa” (id., p. 425); e, finalmente, como “anjo que subiu ao céu”, “Mais uma flor pendida na tenra haste que o vendaval da morte, em sua inclemente fúria, arremessou mal desabrochada para as trevas do túmulo...” (id., p. 441-442).

Sempre elevada, a deferência das formas de tratamento e de marcação interpessoal só atinge, pois, o modo hiperbólico para falar da defunta. “D. Felicidade”, “Sr. Ledesma”, “Sr. Zuzarte”, são formas neutras. Para os íntimos, “meu bom Jorge” (id., p. 53), “meu amigo” (id., p. 37), ou, mais simplesmente, “meu Jorge” (id., p. 41) – tal como “o nosso Garrett, o nosso Herculano” (id., p. 40), “o nosso Camões” (id., p. 297).

As fórmulas usadas pelo Conselheiro para os cumprimentos, muitas vezes simultâneas às despedidas, são igualmente canónicas – são literalmente fórmulas de *respeito*: “Se vir o ministro, os meus respeitos a Sua Excelência.” (id., p. 37); “Pedia lembranças aos nossos Sebastião e Julião, e afectuosos respeitos à interessante D. Felicidade.” (id., p. 347). Por vezes, à despedida, Acácio faz sínteses ou votos mais circunstanciados: “Foi buscar o seu chapéu, e colando-lhe as abas ao peito, curvando-se, jurou que havia muito tempo não tinha passado uma manhã tão completa. De resto nada havia como a boa conversação e a boa música...” (id., p. 110). Ou: “Tomou a curvar-se diante de Luísa: – E quando escrever ao nosso

viajante, que faço sinceros votos pela prosperidade dos seus empreendimentos. Por quem é! Criado de Vossa Excelência. E direito, grave, saiu.” (id., p. 110-111).

Do mesmo modo, aquilo que Burke (1999, p. 18) designa por ‘o estilo de humilhação’ manifesta-se sóbria, mas tipicamente, em Acácio: ele não deixa, como vimos, de se referir a si próprio empregando um termo algo servil; e, falando da sua casa, define-a como “O modesto tugúrio de um eremita.” (QUEIRÓS, p. 110). Note-se que o Conselheiro dirige ambas as formas a Basílio, que acaba de conhecer. Peter Burke (1999, p. 18) atribui o ‘estilo de humilhação’ à memória da influência da corte, que ajudou à disseminação das frases de submissão e devoção. De facto, sempre que Acácio diz “El-rei!” ergue-se um pouco na cadeira (QUEIRÓS, p. 40). E, no romance, chega a notar-se explicitamente o “sorriso cortesão” do Conselheiro (id., p. 298). Nada mais previsível, afinal, do que detetar em Acácio a prevalência das relações de clientelismo, típicas do Antigo Regime (e de todos os regimes talvez).

Como seria de esperar, o Conselheiro toma todas as distâncias em relação à linguagem vulgar. Prefere os eufemismos: “Nunca usava palavras triviais; não dizia vomitar, fazia um gesto indicativo e empregava *restituir*.” (id., p. 40). Evita cuidadosamente a indecência linguística (e temática). Na parede onde rapazes brincalhões tinham escrito obscenidades, Acácio, desafiado a colaborar, registou: “Honra ao Mérito!” (id., p. 390). Infelizmente, como já vimos, tem a lamentável propensão para os embaraçosos duplos sentidos.

A sua preferência pelas palavras agradáveis leva-o, evidentemente, a imputar à tese de Julião, sobre Fisiologia, o “estilo ameno” (id., p. 294). Compreende-se assim o desabafo desdenhoso do cirurgião, a propósito dos seus examinadores: “– Literatos! – fazia Julião encolhendo os ombros com desprezo. – Não podem falar cinco minutos sobre o osso do tornozelo, sem trazerem as “flores da Primavera” e “o facho da civilização!” (id., p. 347).

De forma igualmente flagrante, a cortesia de Acácio revela-se exemplarmente no seu respeito pelo território dos outros. Por exemplo, na casa de Jorge e Luísa, o Conselheiro é o único que se faz anunciar, visitando previamente Jorge no Ministério, para o avisar de que aí irá (id., p. 37). Considera Borges de Macedo que esta estratégia é como “um atestado antecipado de presença” e que se destina a “valorizar a qualidade do seu meio” (MACEDO, 1993, p. 231). Sendo assim, tal explícita apresentação preambular enquadrará desde o início a figura no esquema estruturante da cortesia.

O Conselheiro sempre espera o seu momento de palavra – e invariavelmente aproveita-o. Acácio raramente interrompe, atropela ou impede alguém de falar. Em

todo o romance, só uma vez interrompe alguém; e, mais uma vez, por razões mais altas. Falando-se das misérias nacionais (pobreza, falta de instrução), o incorrigível Julião acrescenta:

– E os idiotas de São Bento?... – exclamou Julião. Mas o Conselheiro interrompeu-o:
– Meus bons amigos, falemos de outra coisa. É mais digno de portugueses e de súbditos fiéis. (QUEIRÓS, p. 335)

Da mesma maneira, o respeito territorial de Acácio inclui o seu pudor em violar os espaços de recolhimento dos outros. Neste romance, com o subtítulo *Episódio Doméstico*, é extremamente minuciosa a notação espacial da intimidade. E o Conselheiro, nisso como em quase tudo, é meticuloso. Numa passagem atrás citada, Luísa, desesperada pela companhia que Acácio insiste solicitamente em prestar-lhe, entra numa igreja. O Conselheiro fica à porta, esperando-a, e confessa: “Não entrara porque não quisera perturbar o seu recolhimento.” (QUEIRÓS, p. 238). Ironicamente, é justamente um recolhido encontro de Luísa com Basílio que Acácio está, naquele preciso momento, a perturbar; mas tal não impede que o bem-intencionado Conselheiro procure, sempre e por todas as formas, respeitar (de forma por vezes desastrada, mas sempre o mais ostensiva possível) o espaço pessoal do alocutário. Assim, no final do romance Acácio não entra, por pudor, na alcova em que a mulher de Jorge agoniza – mas aparece regularmente, a hora fixa, conservando o chapéu na mão e dizendo palavras graves a Jorge: “A saúde é um bem que só apreciamos quando nos foge! Ou: “A doença serve para aquilatar os amigos” (id., p. 418-419). Se não anima Jorge, entusiasmo D. Felicidade.

Simetricamente, Acácio raramente é interrompido. Só o é no café, lendo o necrológio a Julião e, antes, por Luísa, que pretexta uma dor de dentes para o deixar. Em ambos os casos, o Conselheiro contém-se e tenta mesmo mitigar a falta. Já no caso da invasão do seu próprio espaço privado, Acácio propicia-a com grande candura e ignora factualmente os resultados da devassa. Com efeito, a sua casa e o seu quarto de dormir são objeto da sôfrega curiosidade de Julião Zuzarte, uma espécie de maligno representante do narrador na revelação da verdade íntima da personagem. Não é afinal Julião quem resume assim Acácio: “– Uma besta! [...] – Um parlapatão. Quem faz lá caso daquilo?” (id., p. 194)?...

Inversamente, as suas reservas de informação privada (do foro erótico) são pelo Conselheiro cuidadosamente defendidas. Só no final ele implicitamente assume, com bastante complacência e discreção, que D. Felicidade o ama mas que ele tem outro amor: Adelaide, a criada. E só no final o vemos na sua total intimidade.

Assim, parecem globalmente garantidos – a Acácio e por Acácio – os direitos de proteção ligados à conversação e à intrusão. Discreção e cortesia mantêm-se, até ao final, inabalavelmente assegurados.

4. Neste romance, Acácio não é apenas um discurso: pelo contrário, a compreensão da sua esfera enunciativa, dominada pelas prestações discursivas cortesias, implica a consideração de elementos comunicativos como a voz e os gestos. É claro que, neste domínio, não há lugar a pronúncias regionalistas ou rústicas. Pelo contrário, a voz do Conselheiro é, inevitavelmente, uma “voz sonora, de papo” (id., p. 39), “respeitosa” (id., p. 235), “profunda” (id., p. 294, 331). Torna-se por vezes particularmente “grave” (id., p. 296) ou “persuasiva” (id., p. 46) e, consoante as circunstâncias, toma um “tom demorado, de reflexão” (id., p. 42), “tom espaçado de uma revelação” (106), ou até um “tom cavo” (id., p. 235) – quando fala do Tejo, das multidões no Passeio Público, ou do seu próprio epitáfio. Por vezes “triumfante” (id., p. 390), como quando, no teatro, proclama a cor do vestido de Sua Majestade a Rainha – a sua voz soa “pomposa” (id., p. 234) a uma Luísa desesperada, que chega mesmo a atribuir-lhe “a impertinência de um zumbido” (id., p. 238).

Como Alencar n’*Os Maias*, Acácio tem, n’*O Primo Basílio*, específicas funções declamatórias. Numa escala muito mais moderada do que o grande poeta lírico, na voz do Conselheiro está contida a modulação simbólica da personagem. Lendo a famosa descrição de Coimbra, a voz é “cheia”, os “gestos pausados” (id., p. 328-329). Lendo o seu necrológio de Luísa a um relutante Julião, a voz do Conselheiro é primeiro “lenta e lúgubre” (id., p. 441), depois adquire “mais entonações funerárias” (p. 442), aflautando-se finalmente com a perspetiva da entrada da alma de Luísa no Paraíso (bem diferente, afinal, do *Paraíso* onde pairara com Basílio...) (ibid.). Esta cena de declamação é particularmente hilariante, porque entrecortada de interrupções acústicas, de outros locutores, fregueses e empregado do café. O efeito polifónico é notável, sucedem-se os *ex-abruptos* e Acácio está a um passo de perder a sua respeitável calma: “O Conselheiro sacudiu o papel com um desespero mudo. Por trás dos vidros da luneta escura fuzilavam-lhe nos olhos os despeitos homicidas de autor interrompido.” (id., p. 443). Será mesmo este o episódio mais passional em que está envolvido – pela tensão engendrada por estas interrupções, por alguma desatenção de Julião e pelo estado de impaciência que elas legitimamente provocam em Acácio.

Na verdade, o dispositivo teatral da prestação recitativa determina que, como numa didascália, as práticas corporais e prosódicas do Conselheiro produzam invariavelmente efeitos cénicos. Na circunstância decla-

matória (e há pelo menos três no romance, todas protagonizadas por Acácio), a estrutura preambular é marcada pela expectativa do público e pela preparação do orador. Seguem-se-lhe a *captatio benevolentiae*, a proclamação dos principais argumentos, uma ou outra pequena digressão, o fecho retumbante, e os aplausos do público. Vejamos esta cena, em que Acácio perora aos seus amigos, que o homenageiam, comemorando a sua comenda de Santiago:

– Meus bons amigos! Eu não me preparei para esta circunstância. Se a soubesse de antemão, teria tomado algumas notas. Não tenho a verbosidade dos Rodrigues ou dos Garretts. E sinto que as lágrimas me vão embargar a voz...

Falou então de si, com modéstia: reconhecia, quando via na capital tão ilustres parlamentares, oradores tão sublimes, tão consumados estilistas; reconhecia que era um zero! – E com a mão erguida formava no ar, pela junção do polegar e do indicador, um 0: um zero! Depois, Acácio proclama os seus princípios (o amor à pátria, às instituições e à família real), citando precisassem dele – e o seu corpo, a sua pena, o seu modesto pecúlio, tudo oferecia de bom grado! Queria derramar todo o seu sangue pelo trono! – E, prolixo, citou o Eurico, as instituições da Bélgica, Bocage e passagens dos seus prólogos. Honrou-se de pertencer à Sociedade Primeiro de Dezembro... – Nesse dia memorável – exclamou –, eu mesmo ilumino as minhas janelas, sem o luxo dos grandes estabelecimentos do Chiado, mas com uma alma sincera!

E terminou dizendo: – Não esqueçamos, meus amigos, como portugueses, de fazer votos pelo ilustrado monarca, que deu às neves da minha frente, antes de descerem ao túmulo, a consolação de se poderem revestir com o honroso hábito de São Tiago! Meus amigos, à família real! – e ergueu o copo – à família modelo, que sentada ao leme do Estado, dirige, cercada dos grandes vultos da nossa política, dirige... – Procurou o fecho; havia um silêncio ansioso – dirige... – Através das lunetas negras, os seus olhos cravavam-se, à busca da inspiração, na travessa da aletria – dirige... – Coçou a calva, aflito; mas um sorriso clareou-lhe o aspecto, encontrara a frase; e estendendo o braço – ... dirige a barca da governação pública com inveja das nações vizinhas! A família real!

– À família real! – disseram com respeito. (Id., p. 339-340)

A extensa passagem citada pode ilustrar a representação de alguns gestos particularmente expressivos de Acácio³. Note-se, porém, que esta exuberância é excep-

³ Dominique Sire afirma que Acácio deve alguma coisa a certas personagens de Dickens, como Micawber, de *David Copperfield*, com a sua característica pomposidade e a repetição de uma série de gestos (apud MATOS, 2009, p. 450-451). É possível e provável esta contaminação, ressalvadas contudo as enormes diferenças do relevo, papel, composição e conotação ideológico-social entre as duas personagens.

cional. Globalmente, os gestos do Conselheiro são explicitamente designados como “medidos, mesmo a tomar rapé” (id., p. 40); aliás, sorve a “pitada com os dedos abertos em leque, magros, bem tratados” (id., p. 40), a “mão branca” (id., p. 105). Na verdade, há apenas mais uma cena em que a linguagem gestual do Conselheiro se mostra impetuosa: é no teatro, no momento em que subitamente se lembra que prometera saber a cor exata do vestido usado nessa noite pela Rainha. Nesse momento, bate na testa de repente, arremessa-se sobre o chapéu, sai de chofre; D. Felicidade, alarmada – seria alguma dor? – já murmura uma oração (id., p. 390). A normal gestualidade de Acácio integra-se, de facto, num conjunto de gravidade imperturbável. Exceto, evidentemente, nas circunstâncias descritas: quando está em causa a família real e o amor à pátria.

A representação física de Acácio e do seu vestuário é, por seu turno, relativamente escassa, mas enormemente significativa. Merece a Lucette Petit (1987, p. 69) algumas pertinentes observações: esta investigadora ressalta que a referência à “calça branca muito engomada” (QUEIRÓS, p. 105) acentua a rigidez da figura; resume as cores do vestuário do Conselheiro – todo negro de Inverno, calças brancas na estação calmosa – observando, com pertinência, que as lunetas escuras e a calvície o fazem aproximar mais do tipo *rond de cuir* (‘manga de alpaca’) do que do típico homem político queirosiano (PETIT, 1987, p. 69).

Quanto a nós, observaremos apenas que a representação corporal de Acácio está toda contida na sua apresentação, logo no I capítulo do romance (QUEIRÓS, p. 39). Nesse primeiro retrato se manifestam todos os sinais temáticos da representação irónica do corpo: o excesso, a dissonância, a oposição justaposta (cf. HAMON, 1996, p. 96):

Era alto, magro, vestido todo de preto, com o pescoço entalado num colarinho direito. O rosto aguçado no queixo ia-se alargando até à calva, vasta e polida, um pouco amolgada no alto; tingia os cabelos que de uma orelha à outra lhe faziam colar por trás da nuca – e aquele preto lustroso dava, pelo contraste, mais brilho à calva; mas não tingia o bigode: tinha-o grisalho, farto, caído aos cantos da boca. Era muito pálido; nunca tirava as lunetas escuras. Tinha uma covinha no queixo, e as orelhas grandes despegadas do crânio. (QUEIRÓS, p. 39)

Nitidamente rasgada em contrastes entre o branco (palidez, mãos) e o negro (cabelo, lunetas, vestuário); entre a secura hirta da sua constituição geral (altura, magreza, pescoço, colarinho, queixo) e a vastidão das suas orelhas, corroborada pela rotundidade luzidia da sua calva – esta descrição sublinha explicitamente o teor caricatural da

estampa. Até a covinha do queixo (o ponto mais aguçado) tem a sua correspondência na amolgadela do alto da calva. De facto, a calva é uma espécie de resumo de Acácio. Ampla, deserta, brilhante, achatada, é o emblema de uma representação eminentemente caricatural da figura, por exagero deste traço distintivo e superlativo (cf. HAMON, 1996, p. 76).

Há apenas duas referências aos olhos de Acácio, e sempre em contexto de declamação, e sempre através das lunetas escuras, que nunca tira. Não admira que as não tire: Acácio não está no romance para ver coisa nenhuma. Está como instituição, está a testemunhar de si próprio, como um documento; está para falar e para ser visto (e desejado por D. Felicidade).

Na realidade, o Conselheiro é um tipo vistosamente icônico. A sua densidade física – ganha pela famosa calva, a voz, os contornos contrastantes da sua imagem, o discurso que se lhe torna uma ‘feição’ característica – transformam-no num todo espessamente orgânico: num discurso que toma corpo.

Este notável efeito deve-se, antes de mais, à assiduidade e continuidade da sua presença solene nos lances fundamentais da intriga e do seu contexto referencial. Acácio é, na história amorosa, aquele que nada vê nem sabe, retardando um encontro entre os amantes e elogiando sempre as virtudes morais de ambos; e, na sua moldura sócio-cultural e ideológica, procede exatamente do mesmo modo: sem ver, nem saber. Apenas permanecendo:

No meio da escada Julião parou, e cruzando os braços: — Ora aqui vou eu entre os representantes dos dois grandes movimentos de Portugal desde 1820. A Literatura – e cumprimentou Ernestinho – e o Constitucionalismo! – e curvou-se para o Conselheiro. Os dois riram, lisonjeados. (QUEIRÓS, p. 425)

Desse modo se desenha, na obra, por intermédio de Acácio, coadjuvado por Ernestinho, a forma paradigmática da ironia (cf. HAMON, 1996, p. 69) – caricatura e desconstrução das instituições e das hierarquias.

5. No estudo que atrás citamos, Peter Burke estuda comparativamente os regimes da cortesia e do ponto de vista da história da cultura, em três países europeus, num arco cronológico de três séculos, do XVI ao XVIII. No século XIX, seria já sensível um refluxo e um declínio da formalidade, em consequência provável da crescente importância detida pela atividade comercial (BURKE, 1999, p. 19). Ou seja: a esmerada cortesia de Acácio seria já antiquada, mesmo na sua época. O exagero seria, pois, completamente óbvio, a caricatura absolutamente clara, a ironia perfeitamente legível. A distância irônica sustenta todo o romance; é em Acácio, contudo, que exhibe maior visibilidade, onde é menor a possibilidade

de fracasso interpretativo. Mas a ironia, discurso duplo, é sempre uma estratégia de alto risco: há sempre quem leia apenas um dos níveis do enunciado. Óscar Lopes (1990, p. 112) afirma ter conhecimento de que o famoso excerto sobre Coimbra⁴, da autoria do Conselheiro (e objeto de mais uma cena declamatória), fora, muitos anos depois da publicação do romance, lido à letra, inclusivamente numa prova oficial!

E, no entanto, trata-se afinal de uma paródia, uma cópia hiperbólica do estilo alambicado, o estilo do regime. Trata-se de um discurso que, macaqueado, se quer ridicularizar. É um processo que podemos considerar extensivo a toda a representação da cortesia de Acácio. Nessa passagem sobre Coimbra, não falta sequer o *ex-abrupto*, que lhe acrescenta notável hilaridade: “– Está a sopa na mesa – veio dizer uma criada, de avental branco, muito nutrida” (QUEIRÓS, p. 328-329). Assistimos aí, por um lado, ao jogo irônico de tensões entre duas partes disjuntas e explícitas do mesmo enunciado – dois registos, dois campos semânticos, postos, ao bom processo da ironia estilística, em vizinhança heteróclita (cf. HAMON, 1996, p. 40). O anúncio da sopa, quebrando bruscamente o supino enlevo da descrição coimbrã, faz recair o real romanesco no chato prosaísmo do jantar. Por outro lado, a imitação do discurso do outro (sobretudo quando ele próprio é já a imitação de um estilo tornado lugar-comum!) é uma forma evidente de desqualificação.

Na verdade, n’*O Primo Basílio*, toda a representação de Acácio é trabalhada pela ironia, de forma a evidenciar a enorme ‘estrutura da irrelevância’ em que ele consiste. De facto, a forma que assinalamos atrás não esgota os tipos e processos da ironia aplicada a Acácio. A história feliz de Acácio, enganado, irrisório e próspero, contém uma lógica absurda, constituindo um processo de ironia sintagmática ou diegética (cf. HAMON, 1996, p. 70). Na

⁴ Eis o excerto: “Escolheu então, ‘como mais própria para dar ideia da importância do trabalho’, a página relativa a Coimbra. Assou-se, colocou-se no meio da saleta, de pé, com as folhas na mão, e, com uma voz cheia, gestos pausados, leu:

– ... Reclinada molemente na sua verdejante colina, como odalisca em seus aposentos, está a sábia Coimbra, a Lusa Atenas. Beija-lhe os pés, segredando-lhe de amor, o saudoso Mondego. E em seus bosques, no bem conhecido salgueiral, o rouxinol e outras aves canoras soltam seus melancólicos trilos. Quando vos aproximais pela estrada de Lisboa, onde outrora uma bem organizada mala-posta fazia o serviço que o progresso hoje encarregou à fumegante locomotiva, vede-la branqueando, coroada do edifício imponente da Universidade, asilo da sabedoria. Lá campeia a torre com o sino, que em sua folgazã linguagem a mocidade estudiosa chama “a cabra”. Para além logo uma copada árvore vos atrai as vistas: é a celebrada árvore dos Dórias, que dilata seus seculares ramos no jardim de um dos membros desta respeitável família. E avistais logo, sentados nos parapeitos da antiga ponte, em seus inocentes recreios, os briosos moços, esperança da pátria, ou requebrando galanteios com as ternas camponesas que passam refluindo de mocidade e frescura, ou revolvendo em suas mentes os problemas mais árduos de seus bem elaborados compêndios...

– Está a sopa na mesa – veio dizer uma criada, de avental branco, muito nutrida.” (QUEIRÓS, p. 328-329)

cena final, entre a voz plangente (lendo o necrológio de Luísa) e o abraço concupiscente (na cintura de Adelaide), a co-presença destes conteúdos em oposição associa-se à autocomplacência de Acácio, e ao irrisório balanço que faz do seu dia.

No Conselheiro, a hiperbolização das estratégias verbais e não-verbais da cortesia redundante, pois, na sua caricatura e na sua irrisão⁵. A total ausência de autocritica e de drama, o evitamento das tensões, o achatamento geral das emoções e do próprio real, a redução do trágico ao convencional, da emoção à banalidade, do estético ao trivial – integram os processos de construção da ironia com materiais da retórica da cortesia. Moderação e solenidade de gestos, opiniões e atitudes, linguagem rebuscada e discurso ideologicamente eclético, empatia com o outro (mesmo em situações impossíveis), gravidade inalterável (mantida mesmo em situações extremas) – caracterizam, como vimos, a figura. A cortesia de Acácio é sempre eivada de prudência (que surge amiúde no seu discurso – cf. QUEIRÓS, p. 44, 107, 422) e de normatividade, de ritualização (o advérbio ‘sempre’ aparece recorrentemente associado às suas palavras, gestos, opiniões e hábitos – cf. QUEIRÓS, p. 39, 40, 53, 106, 294, 330, 387, 418, 419, 423, 439, 440). A reprodução de lugares-comuns, a fraseologia pomposa e vazia, a inanidade sentenciosa e a cortesia irrepreensível, faces de um mesmo conjunto, tornadas equivalentes, são, assim, outros tantos sinais da previsibilidade e da rigidez da figura.

Na verdade, o que faz de Acácio a presa hilariante da ironia é justamente o facto de representar, simultaneamente, as regras formais da sociabilidade e as da autoridade instituída. De certa forma, no Conselheiro a ideologia reduz-se à cortesia. A ironia tipicamente acaciana incide, pois, sobre o código da sociabilidade constitucionalista (“o formalismo oficial”), reduzido à sua retórica ideológica. Acácio simboliza o império do trivial: o banal solene, que acumula, entretido na temporalidade doméstica do romance, a sua inexorável densidade de traços ritualizados.

O Conselheiro é, assim, o tipo ironizável por excelência: o funcionário que assegura a gravidade, a regra e a ordem. Acácio nunca ri. Excessivamente respeitável para que possa ser respeitado, encarnação formal da regra, caracterizada pelas suas regularidades, repetições e tiques, o discurso cortês do Conselheiro é a própria atualização

das normas estabelecidas. Na realidade, o seu é como um discurso mecânico. Repetitivo, citador canónico, no *pastiche* do discurso de Acácio não é só o seu estilo que está em causa; como observa Hamon (1996), o *pasticheur* ataca o próprio princípio da identidade.

Na verdade, o Conselheiro pode ser considerado, no interior do romance e talvez da realidade cultural portuguesa, o tipo dos tipos, o tipo mais ‘típico’ – tipo porque caricatura de um coletivo, tipo porque caricatura da própria convencionalidade desse coletivo. O tratamento multiplamente irónico da figura corresponde assim, com uma inquestionável e quase poética precisão, àquilo que ela representa.

6. Até ao fim da sua vida, o ‘conselheiro’ e o ‘conselheirismo’ integraram o discurso e a ficção de Eça e são termos-chave da representação coletiva e cultural. Ultrapassam largamente, de resto, o contexto político-social, o constitucionalismo, que os viu nascer e prosperar. A genialidade da criação de Acácio reside no facto de ela participar de uma formação imaginária mais lata do que a do romance em que se insere.

Na verdade, a figura conselheiral cumpre, na ficção e no discurso queirosianos, um desígnio ideológico-literário autónomo. Para além de integrar o projeto realista, de denúncia dos ‘podres’ de uma sociedade retrógrada, o Conselheiro corre, entretanto, numa pista própria, que ultrapassa tal projeto. Pertence a uma estrutura transversal, talvez intemporal. É uma *dramatis persona* primordial, talvez arquetípica, integrando uma cena a que também pertencem, por exemplo, o eu irónico, mascarado e clownesco (cf. PAGEAUX, 2000), e talvez a mulher proibida e maléfica. Em suma: uma cena familiar, proteiforme e nuclear.

A ironia, discurso duplo, denuncia a duplicidade de uma sociedade em que o ser nunca coincide com o parecer (HAMON, 1996, p. 76). A cortesia é, muitas vezes, um artifício, um dispositivo de dissimulação, criador de uma aparência enganosa. Até certo ponto, é-o em Acácio, amancebado com a criada. Mas será Acácio hipócrita? Não nos parece.

Com efeito, a fortuna dos lexemas acacianos e conselheirais não devem fazer-nos esquecer o simbolismo fundador do nome ‘Acácio’ (sem malícia): indivíduo tolo, ingénuo, crédulo, incapaz de ver o mal.

O Conselheiro é aquele que acredita que a realidade é tal qual como a vê. Aquele que encarna essa realidade oficial em si próprio. Até ao âmago: descobrimos no final que Acácio, passe o paradoxo, é genuinamente enfático e retórico – trata a amante por “minha Adelaide” (id., p. 445); e, depois da revelação feita por Zuzarte, de que D. Felicidade recolhera ao convento por ter descoberto que Acácio era amante da criada, o Conselheiro, já sozinho, e

⁵ É Sebastião, o melhor amigo de Jorge, quem de facto representa na obra uma espécie de ‘anti-Acácio’. Talentoso e tímido, sempre ‘embaraçado’, é profundamente bom e totalmente altruísta. Nunca quer ‘ocupar espaço’ na cena narrativa e diegética. Sempre voluntariamente abandona as insígnias vistosas de poder e gravidade, apagando voluntariamente o ego – isto é, personificando a verdadeira cortesia real, genuína, ignorada, a dádiva abnegada. É talvez um embrião da personagem de S. Cristóvão, cortês por natureza e por bondade intrínseca (dele diz Eça, a Teófilo: “e, por acaso, um bom rapaz...”), puríssimo, modesto, sacrificial. Lucete Petit define-o como “un tout sans faille”. (PETIT, 1987, p. 77).

como petrificado, murmura enfim: “– Que infeliz senhora! Que funesta paixão!”. E acaricia o bigode com satisfação (QUEIRÓS, p. 444).

A autossatisfação alia-se, nele, ao seu alheamento do real (a “realidade pública autêntica”, no dizer de Borges de Macedo, 1993, p. 232). Naturalmente artificial e convencional, Acácio é um ingênuo: ignora a verdade de Luísa, ignora que é enganado pela sua própria amante, ignora todos os dramas à sua volta, desde a pobreza ao adultério. A inanidade satisfeita, eufemística e bem-falante das fórmulas consagradas de Acácio é um sinal do seu evitamento do real. Acácio é tão alienado como Luísa, como ela inteiramente refugiado no estereótipo livresco-retórico.

Não se trata, afinal, apenas da sátira programática, própria de um realismo preocupado com a denúncia e a reforma da sociedade do seu tempo – esse é apenas o nível de leitura que, por razões estratégicas, o próprio Eça recomendará a Teófilo. Na verdade, através do Conselheiro acaba por articular-se um dos fulcros ocultos da obra: o desdobramento dos níveis de real, que Eça irá literariamente desenvolver depois, através da problematização da objetividade, da adoção do perspectivismo subjetivista, da mistificação autoral, da para-heteronímia... Aqui, como noutros romances, tais níveis estão intimamente relacionados com a repetição e a codificação de comportamentos dos sujeitos e com a representação da sua alienação pelo desejo.

E, assim, descobrimos que o estereótipo cortês pode constituir a face textual de um princípio estruturante de toda uma obra. A cortesia de Acácio resvala do sinal para o símbolo. Como diz Peter Burke (1999, p. 21): triviais em si próprias, muitas das práticas da cortesia podem corresponder à representação de um regime cultural. Um regime cultural, acrescentaríamos, representado aqui com impiedade, mas nenhum ódio. Representado com cortesia.

Agradeço sensibilizada a atenção do leitor. Resta-me citar, ainda e sempre, o Conselheiro:

– Que maior prazer, meu Jorge, que passar assim as horas entre amigos, de reconhecida ilustração, discutir as questões mais importantes, e ver travada uma conversação erudita?... Parecem excelentes os ovos. (QUEIRÓS, p. 338)

Referências

- BURKE, Peter. Les langages de la politesse. *Terrain – Revue d’ethnologie de l’Europe*, n. 33, p. 111-126, set. 1999.
- DA CAL, Ernesto Guerra. Acácio, Conselheiro. In: COELHO, Jacinto do Prado. *Dicionário de literatura*. 3. ed. Porto: Figueirinhas, 1983. v. 1, p. 18-19.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizacional: investigações sociogenéticas e psicogenéticas*. Lisboa: Dom Quixote, 1989. v. 1: Transformações do comportamento das camadas superiores seculares do Ocidente.
- ENACHE, Cesarela; COPA, Gabriela [s.d.]. *Théories linguistiques dans le domaine de la politesse*. Disponível em: <<http://fsu.valahia.ro/user/image/05.enache2cpopa.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2013.
- HAMON, Philippe. *L’Ironie littéraire*. Essai sur les formes de l’écriture oblique. Paris: Hachette, 1996.
- HOUAISS, Antônio et al. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002. t. I e II.
- LOPES, Óscar. Efeitos de polifonia vocal n’O *Primo Basílio*. In: Eça e Os Maias cem anos depois. *Actas do 1º Encontro Internacional de Queirosianos*. Porto: Asa, 1990. p. 109-115.
- MACEDO, Jorge Braga de. O Conselheiro em Eça de Queiroz. In: MATOS, Alfredo Campos. (Org. e coord.). *Dicionário de Eça de Queiroz*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1993. p. 228-232.
- MARQUES, Maria Aldina. Quando a cortesia é agressiva. Expressão de cortesia e imagem do outro. In: *O fascínio da linguagem*. Homenagem a Fernanda Irene Fonseca. 2007. p. 278-296. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6710.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2013.
- MATOS, Alfredo Campos. Acácio, conselheiro. In: MATOS, Alfredo Campos. (Org. e coord.). *Dicionário de Eça de Queiroz*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1993. p. 30-31.
- MATOS, Alfredo Campos. Conselheiro. In: MATOS, Alfredo Campos. (Org. e coord.). *Dicionário de Eça de Queiroz*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1993. p. 228.
- MATOS, Alfredo Campos. *Eça de Queiroz: uma biografia*. Porto: Afrontamento, 2009.
- PAGEAUX, Daniel-Henri. Un regard sur l’imaginaire queirosien: passages et métamorphoses du saltimbanque. *Leituras – Revista da Biblioteca Nacional*, n. 7 (Eça de Queirós), p. 17-24, outono 2000.
- PETIT, Lucette. *Le Champ du Signe dans le Roman Queirosien*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- QUEIRÓS, José Maria Eça de. *O Primo Basílio*. Lisboa: Livros do Brasil, [19??].

Recebido: 21 de março de 2013
Aprovado: 19 de abril de 2013
Contato: analuisavilela@gmail.com